

A CRISE DA MEDICINA E DA PROFISSÃO

Falência do sexto sentido médico

DR. EDGARD BRAGA

“La Medicine n'a pas échappé à ces deviations desastreuses qui méconnaissent sa raison de être, ses moyens et sa fin. Au service de l'homme, c'est dans l'homme qu'elle doit trouver les regles de son action et le sens de sa mission”

JOSEPH OKINCZYC. — *Humanisme et Médecine*.
Paris, 1936.

A medicina está em crise, pelo menos é o que se depreende da crítica geral contra os seus métodos atuais. Dir-se-á que ela perdeu a autoridade moral que a caracterizava para, abastardada, espelhar por meio duma terapêutica absoluta, a confusão e o desânimo onde tudo era ordem, certeza, ciência.

Fragmentada, desvia-se em especializações e vai criando, destarte, um espírito cada vez mais restrito ou limitado, o que transforma o método em verdadeiro autômato, na interdependência do critério unilateral que é o apanágio da especialização precoce. *Montaigne*, como que renasce entre os letrados, braço dado a *Molière*, para fazer côro com a maioria dos que reclamam da Medicina precisão e infabilidade. Encastoam-se os recém-formados já de si mesmo desiludidos, em moldes estreitos forrados de certo utilitarismo que lhe desvirtua a finalidade e mescla o sentimento filosofico — coisa de todo em todo incompatíveis com a nobreza da profissão.

Comercializam-se metodos de cura, e a Medicina é retalhada e vendida no balcão da malidicencia pública a preço de ocasião — por falsos médicos, charlatães e indivíduos inedôneos. Comercialização tôrpe que afugenta os bons, atrái os crédulos e gnorantes, e enriquece, á porta da polícia, a farandulagem exótica dos egressos e dos falsários.

A Medicina está em crise e, com ela, o médico, principalmente entre nós, meio bastante propiciatório à inflorescência de árvores malditas ou estéreis, a cuja sombra o espírito desprevenido, ou leviano em geral se abriga, à espera do milagre que nunca se realiza, da fortuna alcançada sem esforço e das conquistas surpreendentes e faceis!

(*) Capitulo final do livro “O Sexto sentido da Medicina”, do Dr. Edgard Braga.

Mas, esta crise, é apenas aparente.

Porque não foi a Medicina que se aviltou. Foi antes, o homem que desceu. Não foram os seus métodos terapêuticos fundados na observação, consolidados pela experiência que faliram, mas, o seu emprêgo errôneo, a sua inescrupulosa indicação — em face do doente — os responsáveis diretos por esse estado caótico e decadente, dada a costumeira imprevidência, estado em que, de modo geral se reconhecem, para os médicos, dois grandes fatores, infelizmente, de dissolução: a deficiência do ensino, de modo geral, e os desvios da vocação. A deficiência do ensino, resulta de uma certa confusão nas esferas administrativas que só enxergam o lado superficial do problema, procurando resolvê-lo de modo esquemático, como se desconhecêssem que “a educação é um fenómeno de civilização, como a arte, a literatura e a filosofia” Assim, por êsse prisma, o problema do ensino obedece a rubricas, divide-se erroneamente em sub-ramos; problema de alfabetização; problema de escolas profissionais; problema de preparação das *elites*; problema de ensino regional; problema de ensino religioso. Debaixo do primeiro *item*, cataloga-se o ensino popular, isto é, educação, o que seria lógico se o numero de escolas primárias fosse suficiente no país, absolutamente gratuita e de frequência obrigatória sob fiscalização direta das autoridades, sem distinção de classes, conforme insinuamos, allúres, em opúsculos e conferências. Sob o segundo, dever-seiam cair escolas para preparação de obreiros, aperfeiçoamento da mão de obra — coisa aliás muito de acôrdo e perfeitamente ajustada às nossas condições de progresso, mas, que ainda não logrou realização por motivos que nos escapam. Vem, a seguir, o terceiro, que aconselha a formação e preparação das *elites*, médicos, bachareis, engenheiros, e por fim, o que confere à educação rural a salva-guarda do homem do campo, e ao ensino religioso a educação do caráter. Mas, si êstes problemas se esquematizam assim, de modo tão claro, e tão rapidamente, a sua resolução, no terreno da prática tem-se entremostrado inexequível, pelo menos retardada, na dependência de mil e um fatores entre os quais, avulta, em primeiro lugar, o econômico. A alfabetização geral, utopia; o ensino profissional irrealizável; a formação de *elites* — uma porta aberta à ascensão da mediocridade apadrinhada e d'nherosa; o ensino rural, uma fantasia. e o religioso, um método de disciplina, sem dúvida, mas vago, impreciso, improdutivo e, portanto, incapaz de alicerçar, em que pese o otimismo dos nossos filósofos, o caráter da juventude cujas diretrizes espirituais ficam à mercê dos instintos e do próprio temperamento.

Ensino caro, educação difícil, caráter vago, eis aí, o tripé, em que repousa o nosso edifício intelectual. Ora, êsses problemas não são de agó-a. Vem de longe e, cada ano, sofrem elaborações e retoques, enxertos, ou se aureolam de promessas que não chegam a ser cumpridas.

O mal, porém está em não quereremos criar e realizar um plano talvez mais simples, porém, mais adequado às nossas realidades. Porque, entre nós, tudo era imitação e copilação..

Ora, destarte, a cultura da mocidade é uma espécie de cólcha de retalhos, fragmentada, sem o estôfo humanístico necessário. Dêsde os bancos primários, até aos anfiteatros universitários, o que se observa, geralmente, é a maior displicência possível, entre alunos e mestres, uns e outros presos às idéias alheias, importadas, ambos afinados á teimosia de querer enxertar no ritmo do nosso progresso — certas vibrações estranhas fóra, completamente, do senso das nossas realidades. Êste, pois, o ensinamento que vimos auferindo, em alguns sectores, no país. O problema de seleção das *elites*, no Brasil, então, atinge quasi ao cúmulo dos absurdos! Acéna-se à mocidade que, mal preparada por uma educação primária e secundária defeituosas não soube discernir a própria vocação, com escolas absurdamente livres, a modo do que se faz na América do Norte país profundamente comercializado, e em que, o ensino, com raras exceções, oscila, entre a frouxidão administrativa empenhada em auferir o maior lucro possível, o que é explicável, para a sua própria subsistência, e o cabotismo de rótulos e títulos, entre amigos, ou a falta de preparo dos professores, preparo técnico que não se adquire da improvisação rápida, mas, do trabalho assíduo e paciente através dos anos, do estudo e da meditação, baseado, é claro, na experimentação, que confere uma independência de idéias e raciocínio. Mas, temos o vêzo das imitações. Ora, diante dessa exposição, embora rápida, compreendemos as razões por que a Medicina está em crise. máxime entre nós. Ciência concreta, como vimos, aperfeiçoada atualmente, pela pesquisa e a experiência nos laboratórios, vem, de certo modo sendo substituída por uma lógica que não corresponde à realidade dos fatos: a lógica do sentimento, e, o que é piór, do sentimento totalmente invertido. Se, na vida quotidiana, nos sacrificamos a ela, no terreno científico devemos afastá-la se não nos quisermos perder em sofismas e caminhos absolutamente falsos. Sem dúvida, a lógica do sentimento caracteriza uma feição altruística do espírito dos moços quando se funda na nobreza, mas, transposto ao domínio dos estudos profissionais exátos, constitúe um perigo que deve ser quanto antes afastado, por meio da cultura, da reflexão, da observação mesma das causas que preformam os fenômenos vitais, afim de que, na vida prática não incorra o profissional, principalmente o médico, no êrro das abstrações que mascaram o diagnóstico e perturbam as indicações terapêuticas, esquecido de que o homem é entidade material para o efeito de suas aplicações científicas.

Não é, pois, a Medicina que está em crise, como se previu, mas, o médico. Procurar-se-á em vão remediar com medidas coercitivas, como a ordem dos médicos, ou por meio de sindicatos mais ou menos improdutos, a crise que a acabrunha. A profissão não é passível

para o seu exercício, da vigilância de tribunais com os seus complicados processos de inquisição e justiça, quasi sempre parciais, dentro de uma organização qual a nossa, de fundo liberal e espírito nitidamente filosófico. O que é necessário é que os médicos de hoje compreendam melhormente o seu próprio ideal, e exerçam a profissão com dignidade e competência, livrando-se da carga de um diploma que não foi conquistado pelo estudo. Para isto, não há necessidade de ordens, ou coisas semelhantes sinão de leis severas garantidoras do seu livre exercício e subsistência. Por que se resolva a crise, por que se eleve a categoria social do médico ao nível de uma hierarquia, uma só cousa bastará, a cultura, a aprendizagem eficiente nas enfermarias e nas clínicas, as boas normas de vida, conduta integra e intemerata, o afastamento desse êrro precoce das especializações que demandam tempo e, portanto, tirocínio, e que a tantos desvia, no início, para os lucros faceis, e sobretudo, o alto espírito científico de lógica e reflexão, auferido do contato dos livros e exemplos dos grandes mestres aliado ás tendências inatas do individuo, uma especie de voz interior, no dizer de *Marañon*, que nos chama para o exercício de certa atividade ou da profissão. O clarão irisado desse halo hipócratico deve permanecer no pensamento e coração dos môços que palmilham os rumos da verdadeira ciência. A Medicina moderna, perdeu um pouco, não ha négar, o seu apostolado, e o médico hodierno equipara-se aos técnicos e, por isso mesmo, submete-se como aqueles ao juizo perfuntório do leigo, o que agráva, sobremodo, a crise esboçada. E' necessario pois, uma reação, que se poderá tentar por meio de seleções bem feitas, a módo do que se vem realizando nas escolas de verdade cujo ensinamento paita acima de interesses de grupos. Então, sairá vitoriosa, ao cabo, a vocação do individuo — que é tudo — bem semelhante ao Amor, na comparação de *Termier*, sintétizado por duas características inconfundiveis: exclusivismo para o objeto amado e absoluta dedicação em servi-lo. Do contrario, será o aniquilamento total do *Sexto Sentido* que, ainda agóra, confere á Medicina e aos seus prosélitos aparências de eternidade.

* *

Felix qui potuit rerum cognoscere causas.